

O ANTIGO TESTAMENTO E O ESTADO INTERMEDIÁRIO

*Leandro A. Lima**

RESUMO

O artigo investiga terminologias e descrições do Antigo Testamento a respeito do chamado “Estado Intermediário”, o local onde as almas dos mortos permanecem após os corpos serem postos na sepultura. Apesar de serem limitadas tais descrições e terminologias, quando comparadas com passagens do Novo Testamento, como, por exemplo, a parábola do Rico e Lázaro, elas mostram que as almas estão em um estado de consciência, no Lugar dos Mortos, ou Sheol, onde se encontram em posições distintas e separadas, de acordo com os resultados de suas vidas, ou seja, em situação de consolo (justos) ou de punição (ímpios). Não há descrições no Antigo Testamento que sugerem que as almas dos salvos estejam lá no alto do céu, em glória eterna; mesmo assim se encontram em um estado de bem-aventurança, aguardando a ressurreição, quando então elas estarão na glória perfeita.

PALAVRAS-CHAVE

Sheol; Estado intermediário; Céu; Inferno; Almas; Ressurreição.

INTRODUÇÃO

As pinturas medievais e o imaginário popular, especialmente aquele construído a partir do catolicismo, descrevem o além-vida, a eternidade, como sendo o céu ou o inferno. O céu é descrito como um lugar etéreo lá nas alturas, cheio de nuvens brancas, com anjinhos infantis, onde as almas dos justos recebem descanso e recompensa. Por outro lado, o inferno é um lugar de fogo e trevas nas profundezas, cheio de demônios torturadores, que

* Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorando em Novo Testamento pela Universidade de Kampen, na Holanda. Ministro presbiteriano, professor residente de Novo Testamento no CPAJ, autor de vários livros e artigos acadêmicos.

se ocupam em punir os perversos. Impressiona como essas duas imagens não encontram qualquer referencial no texto bíblico. Aliás, impressiona ainda mais o fato de que, praticamente, não há nas Escrituras uma descrição do lugar ou do estado das almas, quer de salvos quer de perdidos. Exceto pela Parábola do Rico e de Lázaro em Lucas 16.19-31, contada pelo nosso Senhor, que parece descrever dois lugares próximos e, ao mesmo tempo, separados, onde a alma do Lázaro salvo recebe consolo e a alma do rico condenado recebe punição, nenhuma outra passagem descreve com detalhes o que se costumou chamar em teologia sistemática de Estado Intermediário.¹ Outras passagens do Novo Testamento que fazem menção ao Estado Intermediário são Lucas 22.42-43; 2Coríntios 5.1-9; 12.2-4; Filipenses 1.20-22; Hebreus 12.22-24 e Apocalipse 6.9-11. Contudo, ao analisar essas passagens, percebe-se que, embora elas apontem para um estado de consciência e bem-aventurança dos mortos fiéis, não descrevem esses mortos como estando no céu, ao menos não no “céu” do imaginário popular.²

O ensino do Antigo Testamento a respeito do estado das almas é tido como sendo ainda mais rudimentar do que o do Novo. Não parece haver descrição alguma a respeito de onde e em que situação estão os mortos. De fato, nenhuma passagem do Antigo Testamento oferece informações substanciais para se formular o entendimento do Antigo Testamento nesse sentido, e é comum a crença de que a bem-aventurança prometida aos justos é para ser desfrutada nesta vida. No entanto, pode haver indícios no Antigo Testamento de que as almas dos justos desfrutam de uma situação de bem-aventurança superior à dos ímpios. Na verdade, é possível afirmar que o ensino de Jesus na Parábola do Rico e de Lázaro se fundamenta no próprio ensino do Antigo Testamento sobre esse assunto. Neste artigo vamos analisar as passagens do Antigo Testamento que podem ser enquadradas como descritivas, em algum sentido, do Estado Intermediário, mas também analisaremos as que, algumas vezes, são utilizadas para descrever um estado de aparente inatividade das almas. O objetivo é reafirmar a crença de que as almas dos homens após a morte vão para lugares distintos de condenação ou recompensa, mas que esses lugares não são necessariamente o “céu lá em cima” ou o “inferno lá embaixo”.

1. O SHEOL: O ESTADO DOS MORTOS

O principal termo para descrever o lugar dos mortos no Antigo Testamento é “Sheol”. As três principais interpretações do termo o descrevem como:

¹ Por “Estado Intermediário” se pretende denominar o lugar onde ficam as almas dos mortos, após a morte e antes da ressurreição, tanto de justos quanto de perversos.

² O termo utilizado em Lc 22-42-43 e 2Co 12.2-4 é Paraíso (grego παράδεισον). Paulo parece dizer que o Paraíso fica no “terceiro céu”.

1) um lugar para onde vão justos e ímpios, embora possam ficar separados;³ 2) um lugar que significa apenas sepultura, portanto, sem conotação de recompensa ou punição;⁴ 3) um lugar para onde vão apenas os ímpios.⁵ Todas as posições têm argumentos a favor e contra; entretanto, parece-nos que as duas últimas enfrentam algumas dificuldades insuperáveis. A segunda alternativa enfrenta o fato de que Sheol, em alguns textos, significa algo a mais do que meramente sepultura, dizendo algumas vezes respeito a um lugar de punição ou de terrível infortúnio (Sl 86.13; 88.4-5; Dt 32.22). Por outro lado, limitar o Sheol apenas aos ímpios parece esbarrar em passagens como Gênesis 37.34-35, que descreve a reação de Jacó ao receber a notícia da morte de seu filho José: “Chorando, descerei a meu filho até à sepultura (sheol)”.⁶ Embora Alexander entenda que Jacó poderia estar pensando que José teria sido punido por Deus, e condenado ao Sheol, e por isso devorado por uma fera,⁷ é difícil aplicar isso ao próprio Jacó, que o texto diz que será objeto do mesmo destino (Gn 42.38; 44.29, 31).

Parece não haver melhor interpretação do que considerar que, da perspectiva do Antigo Testamento, o Sheol é o que hoje em dia se descreve como o Estado Intermediário, ou seja, um lugar onde estão ímpios e justos simultaneamente. Porém, há escassos elementos bíblicos no Antigo Testamento para distinguir esses dois estados. O fator prioritariamente distintivo entre eles é a perspectiva da ressurreição. O Senhor pode livrar o justo do sheol (Sl 49.15). Se, por um lado, isso significa impedir que ele vá até lá, ou seja, adiar a morte (Sl 30.3), por outro, significa acordá-lo do estado de sono (Sl 13.3; 2Rs 4.31; Dn 12.2; Jó 14.12; Is 26.19), ou seja, ressuscitá-lo para uma vida ainda mais plena de bem-aventurança. Os ímpios não podem esperar por recompensa,

³ Definição do léxico Brown-Driver-Briggs para o termo “Sheol”. Posição comum no livro de I Enoque.

⁴ Posição de HARRIS, R. L. Sheol. *Theological Wordbook of the Old Testament*, v. 1. Chicago: Moody, 1980, p. 497.

⁵ Posição de HEIDEL, A. *The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels*. 2a. ed. Chicago: University of Chicago, 1949.

⁶ Alexander critica a posição de L. R. Bailey que defende que Jacó chorou a morte de seu filho porque ele tivera uma “morte má” (ALEXANDER, D. The Old Testament view of life after death. *The-melios*, 11, 2, 41-46, Jan. 1986, p. 41). As distinções de L. R. Bailey definem “morte má” como: (1) se for prematuro (por exemplo, 2 Sm 18.32-33; Is 38.1-12); (2) se for violento (por exemplo, 1 Sm 28.15-20; 1 Rs 2.28-33); (3) se não houver herdeiro sobrevivente (por exemplo, Gn 15.2-3; 2 Sm 18.18). Por outro lado, aqueles que vivem até uma boa idade, com filhos para sucedê-los, não têm motivos para temer a morte (por exemplo, Gn 25.8; 35.28-29). (BAILEY, L. R. *Biblical Perspectives on the Death. Overtures to Biblical Theology*. Philadelphia: Fortress, 1979, p. 39-47). No entanto, corretamente, Alexander nota que isso não é um padrão absoluto, e entende que “a justificativa para esta distinção deve ser procurada em outro lugar” (p. 42). Ele cita casos bíblicos de pessoas que tiveram mortes jovens ou violentas, e nem por isso foram consideradas “más”, como o caso de Josias (2 Rs. 23.29-30; 22.20 cf. 2Cr 35.24).

⁷ ALEXANDER, The Old Testament view of life after death, p. 44.

antes, só podem aguardar condenação a partir de sua própria ressurreição amaldiçoada (Dn 12.2).

Apesar da crença comum, não há indícios suficientes no Antigo Testamento para concluir que todas as almas dos justos estejam no céu “lá em cima”, o lugar onde fica o trono de Deus. Nenhum texto do Antigo Testamento descreve almas no céu ou mesmo algum anseio humano de viver no céu após a morte. Apesar de haver descrições de Deus rodeado de incontáveis seres celestes,⁸ essas criaturas jamais são identificadas como sendo almas de justos, antes devem ser identificadas como anjos (Sl 89.5-7; 2Cr 18.18).

2. SAUL E A MÉDIUM DE EN-DOR

Na debatida passagem em que Saul consulta a médium de En-Dor, independente da interpretação que seja dada à figura que aparece, o fato é que ela é para ser reconhecida como uma pessoa vinda do reino dos mortos. É difícil não reconhecer que o texto pretende que a figura que surge dos mortos seja Samuel. Como aponta Brueggemann, “Samuel aparece em todo o seu inconfundível mau-humor. A morte não suavizou Samuel. Ele está na morte exatamente como Saul o conhecia na vida”.⁹ Nesse sentido, o texto repete consistentemente o termo “subir”¹⁰:

Então, lhe disse a mulher: Quem te farei *subir*? Respondeu ele: Faze-me *subir* Samuel. (...) Então, a mulher respondeu a Saul: Vejo um deus que *sobe* da terra. Perguntou ele: Como é a sua figura? Respondeu ela: Vem *subindo* um ancião e está envolto numa capa. (...) Samuel disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me *subir*? (1Sm 28.11-15).

O texto não sugere que o personagem tivesse descido dos céus, vindo da presença de Deus. A evidência veterotestamentária, portanto, parece apontar no sentido de que os justos quando morrem descem ao Sheol, e ali permanecem esperando pela ressurreição. Esse “descer” deriva-se, provavelmente, da própria ideia de sepultura, não representando necessariamente um lugar nas profundezas; por outro lado, também não há indicação de que as almas dos justos estejam nas alturas do céu.

⁸ O próprio termo mais comum aplicado a Deus no AT, “Senhor dos Exércitos”, aponta para o senhorio divino sobre hostes celestes. Outros textos que descrevem Deus rodeado de criaturas celestes, mas que não são “almas”, são 1Rs 22.19-23; Dn 7.10 e Sl 89.5-7.

⁹ BRUEGGEMANN, Walter. *First and Second Samuel*. Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching. Louisville, KY: John Knox Press, 1990, p. 194.

¹⁰ Especialmente o verso 13, que descreve o surgimento da entidade como sendo “um deus que sobe da terra”, onde terra pode significar “o submundo”, que é o que *hā'āreš* tão frequentemente designa. MCCARTER JR., Kyle. *I Samuel: A New Translation with Introduction, Notes and Commentary*. Vol. 8, Anchor Yale Bible. New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 421.

3. OS TRASLADADOS ENOQUE E ELIAS

O ensino comum do Antigo Testamento é de que todos os homens vão ao Sheol, mesmo que em situação distinta, e lá ficam, até a ressurreição. Porém, alguns poucos homens recebem o privilégio de não irem até o Sheol: são os trasladados, os quais, portanto, desfrutam de uma recompensa superior.¹¹

Enoque e Elias, ao serem “arreatados” em corpo e alma, parecem demonstrar que “a morte não termina a vida plena e consciente de todos, e que o sheol não engole toda a energia viva”.¹² Porém, mais do que isso, o arrebatamento deles testemunha que existe algo melhor do que descer ao Sheol, que é justamente ser levado para Deus. De Elias, o texto bíblico diz: “Quando estava o Senhor para tomar Elias ao céu por um redemoinho, Elias partiu de Gilgal em companhia de Eliseu” (2Rs 2.1). O momento exato desse “arreatamento” é descrito como sendo: “Indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho” (2Rs 2.11). Portanto, o arrebatamento de Elias significou a subida dele até Deus, sendo diferente, desse modo, da descida normal dos homens até o Sheol.¹³

No caso de Enoque é dito que: “Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si” (Gn 5.24). Como nota Wenham, algumas vezes essa expressão “já não era” pode representar um eufemismo para a morte, como em Salmos 39.14[13]; 103.16; Jó 7.21; 8.22, mas claramente neste texto é um contraste com “então, ele morreu”, que descreve a sina de todos os outros

¹¹ Em Homero (séc. 8º A.C.), Ulisses visita o Hades no décimo primeiro livro da Odisseia e o descreve como um lugar triste onde o sol nunca brilha. Todos os mortos estão lá, grandes e pequenos, guerreiros, velhos, jovens virgens, moços e noivas, em forma de almas sombrias que não podem ser tocadas. Os heróis gregos que lutaram em Tróia estão lá, entre eles Aquiles, Pátroclo e Ajax. Homero não descreve a situação dos outros mortos, mas é de supor que todos estejam nesse mesmo lugar. Na Odisseia ele descreve a prisão de três figuras míticas, que parecem sofrer uma punição maior que os outros: Tício, Tântalo e Sísifo. Na Ilíada, Homero descreve um local adicional de punição, o Tártaro, que é a prisão onde os inimigos de Zeus foram lançados, um lugar mais abaixo do Hades, que é tão distante do Hades quanto a terra é distante do céu (Ilíada, 8.13-16). Hesíodo descreve o Tártaro como sendo uma prisão sombria guardada por Netuno onde Zeus prendeu os Titãs atrás de grandes portas de bronze (Theog. 713-35). Por outro lado, alguns poucos homens são contemplados com uma espécie de paraíso, chamado de Elísio ou Ilha dos Abençoados, que consiste no lugar em que os deuses habitam e onde alguns mortais entram sem passar pela morte, como Menelau (Od. 4.561-569) e Ganimedes, o copeiro de Zeus (Il. 20.232-235).

¹² CHARLES, R. H. *Eschatology: The Doctrine of a Future Life*. New York Shocken, 1963, p. 56. Charles entende que essas duas narrativas pertencem ao período em que era inconcebível a ideia de vida após a morte, a menos que alma e corpo permanecessem conjuntamente. E ele conclui infundadamente que “provavelmente surge de uma época em que a autoridade do Senhor ainda estava limitada a este lado do túmulo” (p. 56).

¹³ Nesse sentido é até mesmo diferente da descrição de Enoque, pois no caso de Enoque não foi dito explicitamente que foi elevado aos céus, embora isso fique subentendido.

personagens do capítulo, mostrando que Enoque não teve uma morte,¹⁴ pois que, na verdade, ele foi levado aos céus.¹⁵ Embora não existam informações sobre em que situação seus corpos físicos foram levados ao céu, é de se supor que tenham experimentado glorificação. No Novo Testamento, Paulo anuncia que algumas pessoas igualmente não passarão pela morte no momento da vinda de Jesus, mas que serão transformadas (1Co 15.50-53).

Não haveria necessidade de uma “subida” desses homens (Enoque e Elias) ao céu, até a presença de Deus, se o Sheol já representasse isso de alguma maneira, ou se eles iriam através de suas almas ao céu de um modo ou de outro. Assim, o Sheol representa o Estado Intermediário, o lugar onde as almas são punidas ou recompensadas, enquanto o traslado de Elias e Enoque aponta para o Estado Eterno, quando os salvos viverão para sempre, em corpo e alma transformados, na presença de Deus.

4. LIBERTOS DO SHEOL

Alguns textos que parecem apontar para uma vida da alma após a morte no céu, mas que, no entanto, se encaixam melhor com a ideia da ressurreição, são os Salmos 49 e 73. Ambos os salmos abordam o mesmo tema, ou seja, a questão da aparente indiferença no que diz respeito à morte de justos e de ímpios, o que sem dúvida favoreceria os ímpios, pois não seriam punidos por seus crimes, e, em contrapartida, igualmente os justos não seriam recompensados por suas obras. No Salmo 49, o salmista fala sobre a impossibilidade de alguém “remir” uma alma das garras da morte, no sentido de impedir que alguém morra (Sl 49.7-9). Portanto, a inevitabilidade da morte é o que se pretende acentuar com essa declaração. Justamente porque a morte é inevitável a todos, “vê-se morrerem os sábios e perecerem tanto o estulto como o inepto, os quais deixam a outros as suas riquezas” (Sl 49.10). Num primeiro momento, portanto, o salmista desdenha dos ímpios, mas não deixa de incluir nesse desdém o justo também, pois embora seja pensamento dominante do ímpio “que as suas casas serão perpétuas e, as suas moradas, para todas as gerações” (Sl 49.11), por outro lado, aparentemente, o justo ainda que não faça essas coisas, também morre, e tudo o que possui fica para outros. A sombria declaração do verso 14 parece por um ponto final a todos os anseios e feitos humanos, pela pura e simples irreversibilidade da morte: “Como ovelhas são postos na sepultura (Sheol); a morte é o seu pastor; eles

¹⁴ WENHAM, Gordon J. *Genesis 1–15*. Vol. 1. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1998, p. 128.

¹⁵ Alguns personagens orientais também foram “elevados” nesse sentido, como Utnapishtim, que no Épico de Gilgamesh (11:196) é levado pelos deuses para desfrutar de imortalidade no monte dos rios. Também Utuabzu, conselheiro do sétimo rei antediluviano, ascendeu aos céus (WENHAM, *Genesis 1–15*, p. 128).

descem diretamente para a cova, onde a sua formosura se consome; a sepultura (Sheol) é o lugar em que habitam”. Porém, o verso 15 aponta para uma esperança especial, a esperança do justo: “Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte (Sheol), pois ele me tomará para si”. Remir a alma do poder do Sheol, no contexto, teria que significar “impedir a morte”, ou revertê-la.¹⁶ A ideia de uma existência continuada na presença de Deus após a morte, em espírito, não parece se encaixar com o que o texto está expressando.

O Salmo 73 é o mais enfático dos salmos que estabelecem o contraste entre o justo e o perverso, contraste que não é simples de ver, como o próprio salmista revela de sua experiência pessoal de invejar os perversos (v. 4). De fato, uma observação “normal” de qualquer pessoa leva à conclusão de que eles não são punidos, ao contrário, desfrutam de grandes recompensas nesta vida (v. 5-12). O aspecto que convenceu o salmista de que a segurança deles é apenas aparente foi justamente o reconhecimento de que eles morrem! E, frequentemente, têm uma morte súbita e repentina: “Tu certamente os pões em lugares escorregadios e os fazes cair na destruição. Como ficam de súbito assolados, totalmente aniquilados de terror!” (Sl 73.18-19). Porém, lendo essa argumentação, alguém poderia perguntar: “Mas, então, qual é a diferença entre o justo e o perverso? Pois os justos também morrem repentinamente”. A vantagem é apontada em duas direções: primeiramente, o salmista diz que o justo desfruta da comunhão com Deus em qualquer situação (v. 23-25). Charles diz: “A mais alta bênção consiste na comunhão inquebrável com ele – inquebrável até pela morte; pois após esta vida Deus os leva para si mesmo”.¹⁷ Portanto, o segundo aspecto é justamente a recompensa *post mortem*. Ele parece dizer isso em seguida:¹⁸ “Tu me guias com o teu conselho e depois me recebes na glória”. Porém, isso significa um viver em espírito na glória celeste? Ao contrário, parece indicar a ideia da ressurreição. O verso 26 enfatiza: “Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre”. Literalmente, ele está dizendo que ainda que seu corpo e coração sejam desfeitos, portanto, morram do mesmo modo que os ímpios morrem, Deus é aquele que sustenta o coração dele, literalmente é “a rocha do coração”. Isso não parece realmente ser a indicação

¹⁶ Dahood acredita que “o que o salmista está professando é sua firme convicção de que Deus o levará para si mesmo, assim como tomou Enoque e Elias; em outras palavras, ele está declarando sua crença na “ascensão”. DAHOOD, Mitchell S.J. *Psalms I: 1-50: Introduction, Translation, and Notes*. Anchor Yale Bible. Vol. 16. New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 301.

¹⁷ CHARLES, *Eschatology*, p. 77.

¹⁸ Estamos cientes da grande ambiguidade das palavras, especialmente do final do verso 24, as quais, segundo Hossfeld e Zenger, têm “vários significados, que levaram e continuam a levar a uma variedade de interpretações”. HOSSFELD, Frank-Lothar; ZENGER, Erich. *Psalms 2: A Commentary on Psalms 51-100*. Org. Klaus Baltzer. Trad. Linda M. Maloney. *Hermeneia – a Critical and Historical Commentary on the Bible*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2005, p. 234.

de uma existência não corpórea na presença de Deus, mas um reconstruir do próprio coração, que só se justifica na ressurreição.

Mas isso então significa que as almas, tanto dos justos quanto dos ímpios, aguardando a ressurreição no Antigo Testamento, estão desacordadas, em estado de sono, sem qualquer consciência? As passagens expostas acima parecem contrariar essa ideia, como fica claro da “aparição” de Samuel.

5. SONO DA ALMA?

No entanto, algumas passagens do Antigo Testamento realmente parecem sugerir um estado de inatividade. Uma delas é o Salmo 88.10-12:

Mostrarás tu prodígios aos mortos, ou os finados se levantarão para te louvar? Será referida a tua bondade na sepultura? A tua fidelidade, nos abismos? Acaso, nas trevas se manifestam as tuas maravilhas? E a tua justiça, na terra do esquecimento?

Apesar das expressões poderosas, a argumentação pode ser vista de maneira retórica, com suas quatro expressões paralelas e progressivas para o estado de morte: sepultura – abismos – trevas – terra do esquecimento,¹⁹ ou seja, como um apelo desesperado do salmista pela libertação divina das garras da morte. De qualquer modo, o texto do Salmo sugere apenas que os feitos divinos só podem ser vivenciados pelos vivos, pois que para os mortos esses tipos de feitos não têm mais sentido ou importância: “A urgência do discurso é que, neste momento, Yahweh ainda pode fazer seu trabalho vital, mas não por muito tempo”.²⁰ Prodígios, bondade, fidelidade, maravilhas e, acima de tudo, justiça, são atributos necessários para os homens “antes” da morte, pois que, depois dela, tudo já parece estar resolvido. Mesmo que tomados literalmente, os termos do Salmo não sugerem inatividade para os mortos, algo como um sono profundo; no máximo, destacam a inexistência da comunhão com Deus no estado de morte, ou seja, enquanto o corpo permanece na sepultura.

O livro de Jó oferece grande contribuição quanto à descrição do estado de morte. Esse lugar é descrito como sendo alvo do conhecimento de Deus: “A alma dos mortos treme debaixo das águas com seus habitantes. O além está desnudo perante ele, e não há cobertura para o abismo” (Jó 26.5–6). A linguagem poética da passagem não permite que se tome literalmente a descrição, porém,

¹⁹ Um termo poético desconhecido em outros lugares da Bíblia (comparar com o grego Lethe, um rio no Hades cuja água causava esquecimento do passado naqueles que a bebiam). DAHOOD, Mitchell S.J. *Psalms II: 51-100: Introduction, Translation, and Notes*. Anchor Yale Bible. Vol. 17. New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 306.

²⁰ BRUEGGEMANN, Walter. *The Message of the Psalms: A Theological Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1984, p. 80.

não se pode deixar de notar que, de algum modo, embora distantes e escondidas, as almas dos mortos são descritas como “vistas” por Deus.

Porém, no capítulo 7.9, Jó parece dar a entender que a morte é o fim da existência, e que não há ressurreição: “Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura jamais tornará a subir”. Aqui, a morte é vista como uma descida sem retorno, possivelmente “o padrão familiar de retorno à casa no final do dia”.²¹

Essa mesma ideia é retomada no capítulo 14. A brevidade da vida de um homem é o tema da argumentação neste capítulo, e também o argumento de Jó contra Deus, para que não entre em juízo com o homem (v. 1-3). A clara desesperança em relação à vida, e principalmente, a morte, é descrita nos versos 7- 12:

Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova. O homem, porém, morre e fica prostrado; expira o homem e onde está? Como as águas do lago se evaporam, e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono.

Esse texto, claramente nega a possibilidade da ressurreição, ao menos em algum sentido. Pode não ser adequado estender a metáfora, como se o texto estivesse dizendo que “nunca” haverá despertamento. O exemplo da árvore aponta para um “breve” renascimento. Por outro lado, a morte é comparada ao secar de um rio, o qual pode não ser perpétuo. A ressurreição está presente no texto, ao menos na forma de um anseio: “Que me encobrisses na sepultura e me ocultasses até que a tua ira se fosse, e me pusesses um prazo e depois te lembrasses de mim! Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Todos os dias da minha luta esperaria, até que eu fosse substituído” (Jó 14.13-14). É verdade que, naquele momento de discussão, Jó não parecia ter expectativa nesse sentido:

Como o monte que se esboroa e se desfaz, e a rocha que se remove do seu lugar, como as águas gastam as pedras, e as cheias arrebataam o pó da terra, assim destróis a esperança do homem. Tu prevaleces para sempre contra ele, e ele passa, mudas-lhe o semblante e o despedes para o além. Os seus filhos recebem honras, e ele o não sabe; são humilhados, e ele o não percebe. Ele sente as dores apenas de seu próprio corpo, e só a seu respeito sofre a sua alma (Jó 14.18-22).

Porém, tomar essas afirmações dogmaticamente como uma confissão contrária à ressurreição é não entender o propósito teológico e literário do livro

²¹ CLINES, David J. A. *Job 1–20*. Word Biblical Commentary. V. 17. Dallas: Word, 1998, p. 187.

de Jó, o qual apresenta seu personagem como alguém que muda de opinião a respeito de Deus e de si mesmo (Jó 42.5-6). Jó usa esse argumento em sua “discussão” a respeito de Deus, porém, demonstra uma clara mudança em relação a esse pensamento no capítulo 19:25-27:

Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim.

Certamente há uma expectativa de vitória sobre a morte nesta passagem, a qual antecipa a pregação neotestamentária a respeito da ressurreição. Apesar de Charles entender que a passagem defende apenas a questão da “sobrevivência da alma” após a morte,²² a expressão “revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus” aponta para mais do que isso, ou seja, para a própria ressurreição. Mas deve ser notado que o livro de Jó está em harmonia com o restante do Antigo Testamento ao descrever o estado de morte como consciente, em algum lugar no Sheol, porém, não se pode confundir isso com o céu em si mesmo.

Em Isaías 26.14 também parece haver uma negação da própria realidade da ressurreição.²³ “Mortos não tornarão a viver, sombras não ressuscitam; por isso, os castigaste, e destruístes, e lhes fizeste perecer toda a memória”. No entanto, isso deve ser visto como uma descrição da situação nacional, e não do destino individual de todas as pessoas. O povo não seria restaurado. Porém a realidade da ressurreição desponta em seguida: “Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no

²² CHARLES, *Eschatology*, p. 71.

²³ O mais pessimista dos livros bíblicos no que diz respeito à recompensa *post-mortem* parece ser o livro de Eclesiastes. O autor repetidamente insiste que o “vivente” aproveite com moderação as boas coisas conquistadas em sua vida, pois após a morte ele não desfrutará dessas coisas: “Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos. Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto. Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol. Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras. Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça. Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol. Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Ec 9.3–10). Ainda assim, o autor fala de uma consciência da eternidade que Deus colocou no coração do homem (Ec 3.11).

pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos” (Is 26.19).

Os ímpios devem esperar tormento na morte: “Eia! Todos vós, que acendeis fogo e vos armais de setas incendiárias, andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as setas que acendestes; de mim é que vos sobrevirá isto, e em tormentas vos deitareis” (Is 50.11). Esta última expressão é traduzida por Charles como “em um lugar de dor, deitar-te-ás.”²⁴ Em Isaías 66.24 a primeira ideia clara de tormento na morte recebe destaque: “Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne” (Is 66.24). Esse é o texto que serve de pano de fundo para a interpretação feita por Jesus nos Evangelhos do estado de punição dos ímpios após a morte (Mc 9.42-48), o qual também aparece na Parábola do Rico e de Lázaro.

CONCLUSÃO

Concluimos que o ensino do Antigo Testamento é que as almas estão no Sheol, e podem retornar aos corpos; porém, isso acontecerá na era vindoura. Por outro lado, no estado de morte dos ímpios há uma ideia presente de punição, da qual os justos estão livres. Isso aponta para estados diferentes no mesmo Sheol. Assim, o Sheol se encaixa muito bem com a descrição da Parábola do Rico e de Lázaro, onde esses dois, após a morte, se encontram em lugares opostos, ainda que, de algum modo, paralelos.

Ao contrário do que sugere a expectativa popular, as almas dos justos, no Estado Intermediário, não estão lá no céu de luz rodeadas pelos anjos diante do trono de Deus. Isso está reservado para o Estado Eterno, após a ressurreição. Porém, também não estão desacordadas ou numa espécie de inexistência. Elas se encontram no Sheol, o estado de morte, mais especificamente no lugar que Jesus chamou de “seio de Abraão” (Lc 16.22) ou Paraíso (Lc 23.43; 2Co 12.4; Ap 2.7).

ABSTRACT

The article analyzes Old Testament terminologies and descriptions concerning the so-called “Intermediate State”, the realm where the souls of the dead remain after their bodies are placed in the tomb. Such descriptions and terminologies are limited when compared to certain New Testament passages, like the Parable of the Rich man and Lazarus. However, they show that the souls remain in a state of consciousness, in the Place of the Dead, or Sheol, where they occupy distinct and separate positions, according to the results of their lives, namely, a situation of comfort (the righteous) or punishment (the

²⁴ CHARLES, *Eschatology*, p. 163.

unrighteous). There are no descriptions in the Old Testament suggesting that the souls of the saved are up in the heavens, in eternal glory. Nevertheless, they find themselves in a state of bliss, waiting for the resurrection, when they finally will experience perfect glory.

KEYWORDS

Sheol; Intermediate state; Heaven; Hell; Souls; Resurrection.